

ENSAIO

# MILITÂNCIA SOCIAL, ATIVISMO POLÍTICO E JORNALISMO DE COMBATE: expressões contemporâneas



ROGÉRIO CHRISTOFOLETTI

*Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – SC – Brasil*  
ORCID: 0000-0003-1065-4764

SALVADOR DE LEÓN

*Universidad Autónoma de Aguascalientes, Aguascalientes – México*  
ORCID: 0000-0002-7859-0480

DENIS RUELLAN

*Sorbonne Université, Paris – França*  
ORCID: 0000-0001-7780-7038

DOI: 10.25200/BJR.v19n3.2023.1651

Para o filósofo André Comte-Sponville, a coragem é a virtude mais universalmente admirada. Em seu *“Pequeno Tratado das Grandes Virtudes”*, o autor lembra que a covardia é desprezada em toda a parte ao passo que a bravura é enaltecida. Se cada civilização tem seus medos, tem também suas expressões de coragem e força. Própria dos heróis, a coragem pode ser um traço de caráter, uma excelência ou um cobiçado atributo. Mas ela pode acompanhar também os mais comuns e anônimos. Caminha com homens e mulheres, crianças e idosos, e se manifesta tanto como gesto isolado

quanto por temperamento contumaz. É, portanto, o raio que corta a noite e o próprio céu. Mas Comte-Sponville alerta para que ninguém se engane: a coragem não é a ausência do medo, mas a capacidade de superá-lo por uma vontade mais forte e generosa. Bem-vinda em todas as épocas, ela é particularmente escassa nos nossos dias. Talvez isso ajude a explicar porque esta edição da Brazilian Journalism Research seja tão singular e preciosa. Afinal, ela é regida pelo incontornável signo da coragem.

Os dez artigos que compõem o dossiê “*Jornalismo Militante, Ativista e de Combate*” e que apresentamos a seguir atestam – cada um a seu modo – modos distintos e complementares de coragem. Selecionados a partir de dezenas de respostas à chamada da BJR, os textos também estendem os debates do Encontro Internacional de Pesquisa em Jornalismo, realizado em dezembro de 2022 no Institut du Journalisme de Bordeaux Aquitaine, na França. Convergência de eventos, o encontro evocava de forma veemente o binômio jornalismo-combate, e foi resultado do terceiro Colóquio Brasil-França-Bélgica de Pesquisa em Jornalismo, do sexto Colóquio Mudanças Estruturais no Jornalismo (Mejor) e da segunda jornada de estudos de jovens pesquisadores da área.

Em nosso chamamento para a comunidade científica, dissemos que o senso comum das redações era de que os jornalistas não deveriam interferir nos acontecimentos que reportavam e que isso exigia deles a suspensão provisória de suas ideologias e sentimentos. Esse imaginário de não-interferência ajudou a cristalizar alguns cânones jornalísticos: isenção e imparcialidade, por exemplo. O resultado desse esforço coletivo é a criação artificial de um não-lugar para os jornalistas, como se eles pudessem testemunhar os fatos da vida e da história sem contaminá-los, e como se pudessem interpretar e narrá-los sem filtros, influências e condicionantes. Perturbamos deliberadamente essas certezas em nosso *call for papers*, lançando questões sobre a legitimidade da militância no jornalismo, sobre a compatibilidade entre informar e assumir lados de uma história, e sobre os desafios técnicos e deontológicos que tais mudanças provocam.

Ansiávamos colher contribuições que fertilizassem o solo já castigado (e revoltado) do jornalismo, e não nos decepcionamos com a safra. O dossiê reúne dezessete autores de catorze instituições de pesquisa de três países distintos: Brasil, Espanha e Portugal. O primeiro é o que mais oferece perspectivas, mas também mais

pluralidade: os artigos vêm de nove estados contemplando todas as regiões nacionais.

Barsotti e Vieira (2023) abrem o dossiê com uma questão que não pode ser mais adiada: é possível um jornalismo ativista? Os autores argumentam que a emergência, nas últimas décadas, de novos arranjos jornalísticos tem reforçado um ambiente que tensiona o *ethos* profissional: à medida que muitas dessas novas organizações de mídia se engajem a causas, as colunas da neutralidade passam a apresentar fissuras. Depois de entrevistar nove profissionais desses novos arranjos, Barsotti e Vieira observam, entre outros aspectos, que a tomada de posição deixa de ser transgressão deontológica para se converter em valor a ser perseguido. É o que poderíamos chamar de uma coragem para desafiar os próprios códigos de ética.

Na sequência, o artigo de Moraes (2023) avança algumas casas na direção da desestabilização do sistema. Ela pergunta: sobre que militantes e engajados estamos falando? Seu questionamento faz com que voltemos nossos olhares para além dos meios independentes ou alternativos, habitualmente rotulados de ativistas. Moraes lança luz, portanto, sobre os *mainstream media* brasileiros que também se posicionam a depender dos temas, interesses, pesos e condições locais. Assim, a autora investe na ideia de que o posicionamento funciona como uma prática política possível em redações de portes e inclinações variadas, podendo inclusive ser escamoteada ou não visivelmente declarada. Depois da leitura do artigo, alguém mais impertinente poderia perguntar: quanto há de coragem na assunção dissimulada de posições?

Loureiro, Pereira e Figueira (2023) abordam os temas do dossiê de forma transfronteiriça. Os autores analisam a cobertura jornalística da guerra na Ucrânia, tomando como base o caso de Bruno Amaral de Carvalho, correspondente da CNN Portugal, que reportou o conflito a partir do lado russo. Com a lente sobre o período de março a outubro de 2022, os autores identificam dois tipos de combate a que o repórter precisou enfrentar: a desinformação e a degradação simbólica a que foi submetido por políticos e colegas de profissão. Único jornalista a reportar o conflito de dentro da Rússia para a audiência portuguesa, Bruno Amaral de Carvalho foi alvo de ataques morais e questionamentos sobre a sua independência editorial ao mesmo tempo em que atuava nas trincheiras contra boatos, propaganda de Estado e contra-informação. Tão corajoso quanto a estar no *front line*.

Os próximos quatro artigos de nosso dossiê atravessam uma especialidade jornalística habituada não apenas aos conflitos cotidianos de suas coberturas, mas também aos desafios constantes à sua própria autoafirmação profissional. É relativamente comum que jornalismo ambiental se confunda com ativismo ecológico, e ambos se retroalimentem.

Loose e Belmonte (2023) enumeram quatro momentos-chave que ajudaram a configurar o jornalismo ambiental brasileiro como uma prática engajada, pelo menos desde o último quarto do século XX. Segundo apontam, a oposição da imprensa frente a injustiças ambientais contribuiu para que a cobertura especializada assumisse causas, afastando-se das esperadas objetividade e neutralidade, o que gerou também algum menosprezo no setor. O artigo ressalta uma maior abertura para a defesa dos elementos da natureza, motivada pela intensificação da emergência climática e por mudanças no próprio jornalismo, manifestas na valorização das subjetividades, por exemplo.

Souza e Miguel (2023) se debruçam sobre reportagens do portal Amazônia Real para compreender e problematizar as proximidades entre o jornalismo ambiental e a prática midiativista. As autoras se valem da análise de cobertura jornalística para evidenciar não só os pressupostos do jornalismo ambiental – ênfase na contextualização, pluralidade de vozes, assimilação do saber ambiental – mas também as táticas discursivas do midiativismo – engajamento e opinião revelados.

Gould (2023) recorre a outro meio independente da Amazônia para destacar as marcas do ativismo em coberturas especializadas. O escolhido é o portal Sumaúma e seus conteúdos de denúncia dos atos que visariam ao genocídio dos Yanomamis durante o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022). Com o aporte interpretativo da análise de discurso de tradição francesa, a autora aproxima o corpus de uma perspectiva jornalística contra-hegemônica apoiada na subjetividade. Criado pela jornalista Eliane Brum a partir da ideia de que a Amazônia é o centro do mundo e, por isso, deve ter sua realidade reportada a partir de meios locais, o portal Sumaúma é também uma materialização da coragem que sustenta este dossiê. Se fazer surgir um meio de comunicação nos dias atuais é uma tarefa desafiadora, fundar um portal no meio da Amazônia, distante das metrópoles e dos fluxos de capital, parece ao mesmo tempo inconsequente e visionário.

O jornalismo de Eliane Brum não se circunscreve à sua atividade no portal Sumaúma. No sétimo artigo deste dossiê, Javorski e Alencar (2023) investigam seu ativismo em nove reportagens sobre a Amazônia publicadas no *El País Brasil*, entre 2017 e 2020. Metodologicamente, são mobilizadas as análises de conteúdo e crítica da narrativa, e os resultados levam as autoras a caracterizar o jornalismo ativista de Brum apoiado na identificação pessoal jornalística com temas e fontes.

Se há pelo menos quatro décadas o jornalismo ambiental é associado a práticas que contrariam a rígida gramática do objetivismo, mais recentemente são as coberturas sobre questões de gênero que sofrem questionamentos sobre sua legitimidade e efetividade profissional. Avanços sociais na direção da equidade no mercado de trabalho e da ampliação da participação em processos de decisão têm contribuído para evidenciar pautas sobre justiça entre os gêneros e impulsionado coberturas sobre problemáticas específicas das populações LGBTQIA+. Nesta perspectiva, esta edição da BJR reúne três artigos que alargam as fronteiras entre engajamento, jornalismo, militância e combate a desigualdades.

Rodrigues e Aguiar (2023) tensionam o modo de produção jornalística “ancorado em postulados de objetividade e noticiabilidade historicamente excludentes”. Para isso, analisam os princípios editoriais e o perfil da equipe da revista *AzMiná*, engajada e especializada em causas feministas e interseccionais. Entre outros achados, as autoras concluem que o veículo segue rotinas de produção, apuração e redação legitimadas pelo jornalismo profissional, distinguindo-se na seleção de pautas e no tratamento das fontes de informação, o que exige alta capacitação e especialização das jornalistas nas temáticas cobertas.

Silva Júnior (2023) mostra como a militância do movimento homossexual e a prática jornalística de alguns agentes nas décadas de 1970 e 1980 foram determinantes para o surgimento de um fenômeno único na história do jornalismo brasileiro: a imprensa gay. O autor comparou episódios e temas cobertos pela *Folha de S.Paulo*, título jornalístico generalista, e pelo *Lampião da Esquina*, jornal dirigido ao público gay. O artigo conclui que a atuação da imprensa ativista foi inovadora e que seu foco militante foi determinante para que alguns assuntos alcançassem a esfera pública para além dos contornos do contexto das populações homossexuais.

Fecha o dossiê o artigo de Paes e Colussi (2023) sobre as denúncias de violência sexual que sustentaram o movimento MeToo nos Estados Unidos. As autoras destacam as contribuições das repórteres Jodi Kantor e Megan Twohey, do The New York Times, para um jornalismo combativo. São ressaltados o rigor e o profissionalismo das investigações jornalísticas, apoiadas na legitimação de falas femininas e no aumento da visibilidade das denúncias das vítimas nos casos de assédio sexual. O corajoso comprometimento das jornalistas, apontam as autoras do artigo, pode ser identificado ainda na insistência em confrontar os agressores e na determinação de revelar fatos silenciados por poderosas e influentes figuras masculinas.

Como antecipamos, os dez textos deste dossiê reverberam a ideia de coragem, aproximando a militância, o engajamento e o ativismo às mais celebradas, exigentes e nobres práticas jornalísticas. Nas páginas a seguir, está a coragem de denunciar e de dizer as coisas pelos nomes mais apropriados, está a coragem de enfrentar os poderes constituídos e de mudar a própria gramática, está a coragem de revelar e de contrariar as expectativas, e está a coragem de tomar partido e de não buscar conforto na isenção. Todo jornalismo que se dispõe a combater o obscurantismo, a desinformação e o negacionismo, precisa da inquieta administração do medo.

Algumas coragens implicam sacrifícios pessoais, e seus resultados mostram ao mesmo tempo o desaparego de benefícios pessoais e o comprometimento com demandas coletivas. Nesses casos, a coragem alcança notável legitimidade moral e amplo reconhecimento e estima. Ter coragem é calcular e aceitar riscos, correr perigos e assumir consequências. Requer “firmeza de alma”, como já disse o filósofo Baruch Spinoza. Toda coragem é feita de vontade, de um tanto menor de razão e uma dose maior de paixão.

Nos dias em que vivemos, ainda se combate nas redações a possibilidade de adotar lados e de assumir causas. Os textos que reunimos neste volume podem ajudar a chacoalhar essas certezas. Nas situações-limite, somos desafiados a escolher entre lutar ou fugir. A coragem pode estar em confrontar a ameaça, enfrentar o próprio medo ou duvidar das verdades estabelecidas. Uma pauta pode ser uma causa e a coragem é tão necessária para o jornalismo como a curiosidade.

Se Comte-Sponville caracterizou tão bem a coragem no início desta apresentação, recorreremos novamente a ele para concluir essas

linhas. “A vida nos ensina que é preciso coragem para suportar o desespero, e também que o desespero, às vezes, pode dar coragem. Quando não há mais nada a esperar, não há mais nada a temer: eis toda coragem disponível, e contra toda esperança, para um combate presente, para um sofrimento presente, para uma ação presente!” (1999, p. 45).

## REFERÊNCIAS

Barsotti, A., & Vieira, A. IS ACTIVIST JOURNALISM POSSIBLE? Tensions within the professional ethos of objectivity. *Brazilian Journalism Research*, 19(3), e1597. DOI 10.25200/BJR.v19n3.2023.1597

Comte-Sponville, A. (1999). *A Small Treatise on the Great Virtues*. Martins Fontes.

Ferreira Silva Jr, C. H. (2023). GAY PRESS IN BRAZIL: a journalistic and militant look at homosexual reality in the 70s and 80s. *Brazilian Journalism Research*, 19(3), e1622. DOI 10.25200/BJR.v19n3.2023.1622

Franco de Souza, A., & Miguel, K. (2023). ENVIRONMENTAL MEDIA ACTIVIST JOURNALISM: contributions from an analysis of journalistic coverage from Amazonia Real. *Brazilian Journalism Research*, 19(3), e1601. DOI 10.25200/BJR.v19n3.2023.1601

Gould, L. (2023). ACTIVISM IN JOURNALISM FROM THE CENTER OF THE WORLD: Sumaúma and the denunciation of the Yanomami genocide. *Brazilian Journalism Research*, 19(3), e1612. DOI 10.25200/BJR.v19n3.2023.1612

Javorski, E., & Alencar, Q. (2023). ACTIVIST JOURNALISM IN THE AMAZON: the narratives from Eliane Brum. *Brazilian Journalism Research*, 19(3), e1606. DOI 10.25200/BJR.v19n3.2023.1606

Loose, E. B., & Belmonte, R. V. (2023). ACTIVISM IN ENVIRONMENTAL JOURNALISM: how four key moments have helped shape an engagement practice in Brazil. *Brazilian Journalism Research*, 19(3), e1594. DOI 10.25200/BJR.v19n3.2023.1594

Loureiro, L.M., Pereira, R., & Figueira, A. (2023). UNDER FIRE: News coverage of the Russian side of the war in Ukraine as combat. The case of Bruno Amaral de Carvalho. *Brazilian Journalism Research*, 19(3), e1607. DOI 10.25200/BJR.v19n3.2023.1607

Moraes, F. (2023). WHO ARE THE ACTIVIST AND ENGAGED WE ARE TALKING ABOUT? A look at the Brazilian commercial press and political positioning as a journalistic strategy. *Brazilian Journalism Research*, 19(3), e1609. DOI 10.25200/BJR.v19n3.2023.1609

Rodrigues, H., & Aguiar, S. (2023). THE SPECIALIZED AND ENGAGED JOURNALISM OF AZMINA MAGAZINE: feminist and intersectional agendas. *Brazilian Journalism Research*, 19(3), e1617. DOI 10.25200/BJR.v19n3.2023.1617

Souza Paes, P., & Colussi, J. (2023). FROM REPORTING SEXUAL VIOLENCE TO #METOO: The New York Times and its contributions to combative journalism. *Brazilian Journalism Research*, 19(3), e1605. DOI 10.25200/BJR.v19n3.2023.1605